

Açúcar

Maria de Fatima Vidal

Engenheira Agrônoma. Mestre em Economia Rural
Coordenadora de Estudos e Pesquisas-ETENE/BNB
fatimavidal@bnb.gov.br

Resumo: O Brasil continua como o maior produtor e exportador mundial de açúcar, tendo respondido, na safra 2025/26, por aproximadamente 24% da produção e 54% do comércio global do produto. Para a próxima safra, o USDA projeta uma redução na produção mundial de açúcar, decorrente principalmente da menor produção no Brasil, na União Europeia e na Tailândia. Entretanto, o crescimento moderado do consumo poderá resultar em aumento dos estoques, o que pode contribuir para a manutenção dos preços em patamares relativamente baixos. No Brasil, espera-se maior direcionamento da matéria-prima para a fabricação de etanol, em razão da elevação dos preços do petróleo e da perspectiva de aumento da mistura do biocombustível à gasolina. Esse movimento pode resultar em menor produção nacional de açúcar. No Nordeste, a ampliação da oferta de cana-de-açúcar deverá favorecer a recuperação da produção de açúcar. Observa-se, na região, uma tendência de crescimento da adoção de tecnologias nos cultivos, como a ampliação da área irrigada, a mecanização da colheita e o uso de insumos biológicos, visando reduzir custos e aumentar a produtividade.

Palavras-chave: Nordeste, Açúcar, Produção, Mercado.

1 Cenário Global

De acordo com dados do USDA (2026), a produção mundial de açúcar na safra 2025/26 foi de 186 milhões de toneladas. Para a safra 2026/27, espera-se redução de 0,6%, com produção projetada para 184,8 milhões de toneladas, o aumento da produção na Índia em 12% não será suficiente para compensar a queda da produção no Brasil (-3%), na União Europeia (-7,5%) e na Tailândia (-15,6%). O consumo mundial deve permanecer praticamente inalterado. Assim, projeta-se pequena recuperação dos estoques (+2%) (Tabela 5 -Anexo).

ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS ECONÔMICOS DO NORDESTE - ETENE

Expediente: Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETENE: Rogerio Sobreira Bezerra (Economista-Chefe) Allison David de Oliveira Martins (Gerente de Ambiente). Célula de Estudos e Pesquisas Setoriais: Luciano F. Ximenes (Gerente Executivo), Biagio de Oliveira Mendes Junior, Fernando L. E. Viana, Francisco Diniz Bezerra, Jackson Dantas Coelho, Kamilla Ribas Soares, Maria de Fátima Vidal. Célula de Gestão de Informações Econômicas: Wendell Márcio Araújo Carneiro (Gerente Executivo), Carlos Henrique Alves de Sousa, Márcia Melo de Matos, Gustavo Bezerra Carvalho (Projeto Gráfico), Breno Pereira Aragão, (Bolsistas de Nível Superior). O Caderno Setorial ETENE é uma publicação mensal que reúne análises de setores que perfazem a economia nordestina. O Caderno ainda traz temas transversais na sessão "Economia Regional". Sob uma redação eclética, esta publicação se adequa à rede bancária, pesquisadores de áreas afins, estudantes, e demais segmentos do setor produtivo.

Contato: Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste - ETENE. Av. Dr. Silas Munguba 5.700, Bl A2 Térreo, Passaré, 60.743-902, Fortaleza-CE. <http://www.bnb.gov.br/etene>. E-mail: etene@bnb.gov.br

Aviso Legal: O BNB/ETENE não se responsabiliza por quaisquer atos/decisões tomadas com base nas informações disponibilizadas por suas publicações e projeções. Desse modo, todas as consequências ou responsabilidades pelo uso de quaisquer dados ou análises desta publicação são assumidas exclusivamente pelo usuário, eximindo o BNB de todas as ações decorrentes do uso deste material. O acesso a essas informações implica a total aceitação deste termo de responsabilidade. É permitida a reprodução das matérias, desde que seja citada a fonte. SAC 0800 728 3030; Ouvidoria 0800 033 3030; bancodonordeste.gov.br

Brasil	<p>O Brasil se mantém como o maior produtor e exportador global de açúcar. Para a safra 2026/27, espera-se um maior direcionamento da matéria-prima para a produção de etanol, em detrimento do açúcar, em função da queda nos preços do adoçante e das cotações mais atrativas do etanol. O aumento dos preços dos combustíveis fósseis, associado à guerra no Oriente Médio, tende a elevar a demanda por etanol hidratado, que é substituto da gasolina em veículos flex. Nesse contexto, pode ocorrer uma redução na produção de açúcar, o que também deverá impactar as exportações do produto.</p>
Índia	<p>A Índia é o segundo maior produtor mundial de açúcar, com estimativa de responder por aproximadamente 18% da produção global na safra 2026/27. Condições climáticas mais favoráveis devem resultar em ganhos de produtividade, enquanto incentivos de políticas públicas estimularam a expansão da área cultivada com cana-de-açúcar. Nesse cenário, projeta-se crescimento da produção de cana (+1,7%) e de açúcar (+12%) em relação à safra anterior. Os estoques no país também devem aumentar (+28,2%), uma vez que há expectativa de que a produção de açúcar supere o consumo interno. Até o momento, não há indicativos de que o governo indiano venha a implementar controles às exportações de açúcar na safra 2026/27, estipulada em 2 milhões de toneladas. A desvalorização da rúpia frente ao dólar, aliada à valorização do real brasileiro, torna o açúcar indiano mais competitivo no mercado internacional. Ao mesmo tempo, o aumento do custo do gás de cozinha, decorrente do conflito no Oriente Médio, pode reduzir o consumo doméstico de açúcar, ampliando o volume disponível para exportação. Esses fatores tendem a contribuir para a manutenção dos preços internacionais em patamares relativamente baixos. Por outro lado, a elevação dos preços do petróleo, também associada ao conflito no Oriente Médio, poder levar o governo indiano a aumentar as exigências de mistura de etanol, com o objetivo de reduzir a dependência de importações de combustíveis fósseis. Essa medida pode levar a um maior direcionamento da cana para a produção de etanol em detrimento do açúcar. Portanto, eventuais mudanças na política de biocombustíveis podem impactar de forma relevante a produção de açúcar da Índia e o equilíbrio do mercado global de açúcar na safra 2026/27 (USDA, 2026a).</p>
União Europeia	<p>Os países que compõem a União Europeia respondem por aproximadamente 8% da produção mundial de açúcar e, em conjunto, constituem o terceiro maior consumidor global do produto. Para a safra 2026/27, projeta-se uma redução de 7% na produção de açúcar no bloco, em razão da menor disponibilidade de matéria-prima. Esse cenário decorre do desestímulo ao plantio de beterraba, provocado por diversos fatores, como os baixos preços do açúcar, os riscos persistentes de pragas e doenças e a elevação dos custos dos insumos, intensificada por conflitos geopolíticos, especialmente no Oriente Médio. Adicionalmente, pesam os potenciais impactos negativos de acordos de livre comércio — entre eles o acordo Mercosul–União Europeia —, bem como os efeitos de padrões climáticos cada vez mais imprevisíveis. Nesse contexto, para atender ao consumo interno, as importações devem crescer (+30,81%), enquanto as exportações tendem a cair (-31,8%). O Regime de Processamento Interno, que permite importações de açúcar isentas de tarifas para processamento na União Europeia e posterior reexportação, foi temporariamente suspenso em janeiro de 2026. O Brasil é o principal fornecedor de açúcar para o bloco no âmbito desse regime. O consumo de açúcar na União Europeia tende a cair gradualmente, em decorrência da combinação de tendências demográficas, da adoção de medidas regulatórias e do aumento da conscientização da população em relação à saúde (USDA, 2026b).</p>
Tailândia	<p>A Tailândia é o segundo maior player no mercado global de açúcar, atrás apenas do Brasil. Para safra 2026/27, mesmo com a expectativa de queda de 14% nas exportações, em decorrência da retração de 16% na produção em relação à safra anterior e do aumento da concorrência internacional, o país ainda deverá responder por quase 10% do comércio global do produto. A redução na produção de açúcar está associada à menor disponibilidade de matéria-prima, uma vez que os preços pagos aos produtores tendem a ficar abaixo dos custos de produção. Assim, os produtores tendem a migrar para cultivos mais rentáveis. O consumo interno deve permanecer estável, pois o crescimento do turismo pode compensar a menor demanda causada pela tributação sobre o açúcar. A Tailândia detém parcela significativa dos estoques globais do produto, que devem continuar crescendo na safra 2026/27, em razão da expectativa de redução das exportações (USDA, 2026c).</p>
Indonésia	<p>A Indonésia é um dos maiores importadores mundiais de açúcar, uma vez que a demanda interna supera amplamente a produção local, sendo o Brasil seu principal fornecedor. Para a safra 2026/27, apesar da demanda permanecer praticamente estável, com crescimento estimado de apenas 0,7%, projeta-se um crescimento de 6,9% nas importações de açúcar. Esse movimento reflete a queda de 7,4% na produção doméstica, decorrente da menor disponibilidade de matéria-prima, resultante menor área cultivada e da queda da produtividade da cana-de-açúcar. Apesar do crescimento populacional e da expansão da indústria de alimentos e bebidas, o consumo tende a ser moderado pela maior conscientização da população em relação à saúde (USDA, 2026d).</p>
China	<p>Na safra 2025/26, a China foi o quarto maior produtor mundial de açúcar e o principal importador global do produto. O Brasil é o maior fornecedor de açúcar para a China, sendo a origem de aproximadamente 80% das importações chinesas do produto. Para a safra 2026/27, projeta-se um aumento de 0,8% na produção de açúcar, que deve atingir 12,7 milhões de toneladas. Esse incremento decorre da maior disponibilidade de cana-de-açúcar, impulsionada pelo aumento do processamento de matéria-prima importada e pela expansão da área plantada. Esse movimento é favorecido por políticas governamentais que garantem e regulamentam os preços da cana, tornando seu cultivo mais atrativo em comparação a outras culturas concorrentes. Ainda assim, a produção chinesa permanece insuficiente para atender à demanda interna. O consumo, embora não deva crescer de forma expressiva devido à lenta recuperação econômica, é estimado em 15,8 milhões de toneladas. A combinação de maior produção e consumo relativamente estável deve resultar em forte crescimento dos estoques, estimado em 44,6% (USDA, 2026d).</p>
Estados Unidos	<p>Na safra 2025/26, os Estados Unidos foram o terceiro maior importador mundial de açúcar e o sexto maior produtor. Para a próxima safra, projeta-se uma redução de 4,6% na produção, enquanto o consumo deve permanecer estável. Nesse contexto, mesmo com o aumento das importações (+23%), espera-se que os estoques continuem em queda (-16%) (USDA, 2025).</p>

2 Produção Brasileira e Nordestina de Cana-de-Açúcar

A área plantada com cana-de-açúcar no Brasil tem se mantido relativamente estável. Para a safra 2026/27, a Conab projeta um crescimento modesto de 1,9%. É esperada, contudo, uma recuperação do rendimento agrícola, estimada em 3,4%, principalmente na região Sudeste, onde as altas temperaturas, os baixos volumes de chuvas e a ocorrência de incêndios prejudicaram as lavouras na safra anterior. Como resultado, projeta-se um aumento de 5,3% na produção nacional de cana-de-açúcar.

No Nordeste, o cenário é semelhante, com pequena expansão da área plantada (+1,3), o que combinada com a melhora na produtividade (+2,3%) deverá resultar em maior produção de cana-de-açúcar (+3,7%). As fortes chuvas que atingiram Pernambuco e a Paraíba no início de maio de 2026 podem alterar esse cenário, uma vez que provocaram alagamentos de áreas plantadas, com potencial impacto negativo sobre a produtividade.

Os estados que devem apresentar maior expansão da área cultivada são a Bahia (+14%) e o Piauí (+11%) (Gráfico 1). Já nos estados de Pernambuco, Paraíba, Alagoas, Rio Grande do Norte e Sergipe, praticamente não há mais potencial de expansão da área na Zona da Mata, região tradicionalmente produtora de cana-de-açúcar nesses estados. Nesse contexto, o aumento da produção de cana-de-açúcar nos estados nordestinos em que predomina o cultivo na Zona da Mata depende, principalmente, de ganhos de produtividade.

Vale salientar que o rendimento médio da cana-de-açúcar por hectare no Nordeste, 59,8 toneladas por hectares na safra 2025/2026, continua sendo o menor do País. Esse baixo desempenho decorre de uma combinação de fatores, como condições climáticas e de solo menos favoráveis, em comparadas às do Centro-Oeste e do Sudeste, associadas ao baixo emprego de técnicas de cultivo mais avançadas.

Para superar esse entrave, são necessários investimentos em tratos culturais e em tecnologia. O melhor desempenho observado na Bahia, por exemplo, que alcançou 87,9 toneladas por hectare na safra 2025/26, deve-se, em grande medida, ao uso da irrigação.

Ainda predomina no Nordeste a colheita manual da cana-de-açúcar. Os estados com maiores percentuais de colheita mecanizada são Maranhão, Bahia e Rio Grande do Norte, que deverão atingir 77%, 72,4% e 65,6%, respectivamente, na safra 2026/27. Alagoas e Paraíba também avançaram na adoção da colheita mecanizada, com perspectivas de alcançar 43,8% e 36,2%, respectivamente, na próxima safra (Conab, 2026d). O principal empecilho ao avanço da mecanização da colheita da cana-de-açúcar na região é o relevo ondulado presente em grande parte das áreas produtoras da Zona da Mata. Entretanto, a escassez de mão de obra e a busca por maior eficiência operacional têm impulsionado a expansão do uso da mecanização no Nordeste.

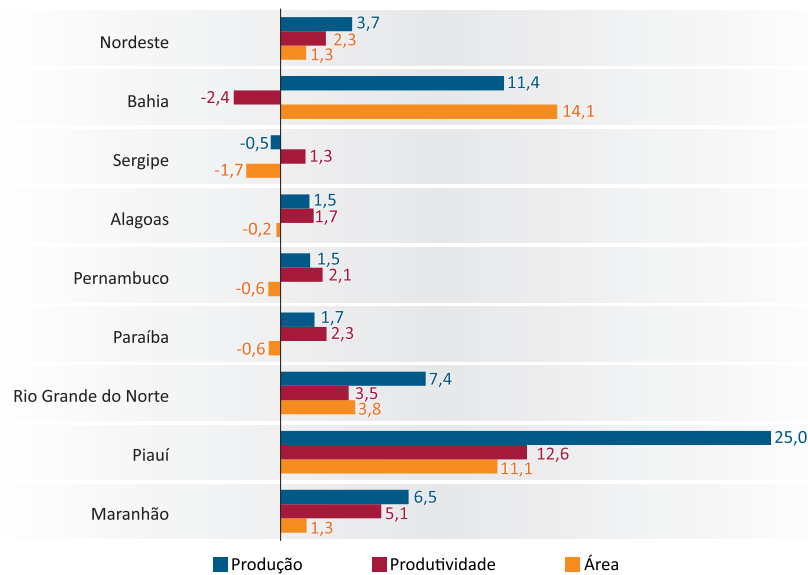
Tabela 1 – Área colhida, produção e produtividade de cana-de-açúcar no Nordeste (safra 2024/25 a 2026/27)

Unidade Geográfica	Área (Em mil ha.)			Produtividade (Kg/ha.)			Produção (Em mil t)		
	2024/25	2025/26	2026/27 ⁽¹⁾	2024/25	2025/26	2026/27 ⁽¹⁾	2024/25	2025/26	2026/27 ⁽¹⁾
Maranhão	29,3	31,2	31,6	73.287	68.331	71.843	2.145,6	2.131,6	2.271,0
Piauí	20,2	20,5	22,8	55.382	56.118	63.172	1.120,0	1.152,0	1.440,3
Rio G. do Norte	79,0	78,6	81,6	51.784	45.734	47.322	4.092,8	3.596,3	3.862,8
Paraíba	127,3	129,6	128,9	58.803	53.343	54.597	7.486,6	6.915,1	7.034,8
Pernambuco	234,6	232,8	231,3	58.770	57.692	58.932	13.786,5	13.428,4	13.630,8
Alagoas	295,1	293,1	292,5	60.268	62.204	63.255	17.783,3	18.232,0	18.501,3
Sergipe	44,1	37,0	36,4	46.453	52.040	52.704	2.049,9	1.927,2	1.917,6
Bahia	67,9	66,8	76,2	86.895	87.934	85.839	5.897,5	5.874,4	6.543,9
Nordeste	897,5	889,7	901,3	60.570	59.860	61.248	54.362,0	53.257,1	55.202,6

Fonte: Conab (2026a), Conab (2026c).

¹ Estimativa em abril de 2026.

Gráfico 1 – Estimativa de variação (%) da área, produção e produtividade de cana-de açúcar no Nordeste, por estado, entre as safras 2025/26 e 2026/27



Fonte: Conab (2026c).
 † Estimativa em abril de 2026.

3 Produção de Açúcar

O Sudeste é o maior produtor de açúcar do país, concentrando mais de 70% da produção nacional. A participação do Nordeste, por sua vez, permanece inferior a 10% (Tabela 2). Há entre o Centro-Sul e o Nordeste uma diferença importante de competitividade associada às desvantagens da região nordestina em relação às condições de clima, solo e relevo.

Para a safra 2026/27, projeta-se uma redução na produção brasileira de açúcar (Tabela 2). Esse movimento decorre das cotações mais atrativas do etanol, sustentados pela elevação do preço do petróleo e pela possibilidade de aumento da mistura obrigatória de biocombustível na gasolina. Além disso, a valorização do real frente ao dólar, combinada a preços internacionais do açúcar ainda pressionados, tende a reforçar o direcionamento da matéria-prima para produção de etanol, em detrimento do açúcar.

As usinas nordestinas estão concentradas principalmente em Alagoas e Pernambuco, estados que respondem por mais de 70% da produção regional de açúcar.

Na última safra, a produção de açúcar no Nordeste registrou queda de 10,9%. Esse resultado foi influenciado pela redução dos preços internacionais do produto, pela menor produção de cana-de-açúcar e pela maior demanda por etanol, impulsionada pelo aumento da mistura obrigatória.

Para a safra 2026/27, projeta-se uma recuperação da produção regional de açúcar (+10,3%) (Tabela 3). Devem contribuir para este desempenho a maior disponibilidade de matéria-prima, a cota tarifária da União Europeia para o açúcar, que tende a beneficiar as usinas da região, e a menor competitividade do etanol no Nordeste em relação à gasolina.

Tabela 2 – Produção brasileira de açúcar (safras 2024/25 a 2026/27)

Unidade Geográfica	Produção (Em mil toneladas)			Var (%)		Part (%)
	2024/25 (a)	2025/26 (b)	2026/27 (c) †	(a-b)	(b-c)	
Norte	97,7	102,8	100,0	5,2	-2,7	0,2
Nordeste	3.694,7	3.291,8	3.630,9	-10,9	10,3	7,5
Centro-Oeste	5.745,8	5.869,1	5.927,2	2,1	1,0	13,3
Sudeste	31.793,2	32.078,6	31.533,4	0,9	-1,7	72,6
Sul	2.786,4	2.836,8	2.760,7	1,8	-2,7	6,4
Brasil	44.117,8	44.179,1	43.952,2	0,1	-0,5	100,0

Fonte: Conab (2026b), Conab (2026c).
 † Estimativa em abril de 2026.

Tabela 3 – Produção de açúcar no Nordeste (safras 2024/25 a 2026/27)

Unidade Geográfica	Produção (Em mil toneladas)			Var (%)		Part (%)
	2024/25 (a)	2025/26 (b)	2026/27 (c) ¹	(a-b)	(b-c)	
Maranhão	27,2	24,5	22,6	-9,9	-7,8	0,7
Piauí	88,2	86,0	118,0	-2,5	37,2	2,6
Rio G. do Norte	209,7	169,4	214,0	-19,2	26,3	5,1
Paraíba	308,0	223,9	295,0	-27,3	31,7	6,8
Pernambuco	1.172,7	971,9	990,2	-17,1	1,9	29,5
Alagoas	1.635,8	1.539,5	1.648,3	-5,9	7,1	46,8
Sergipe	116,0	128,9	128,9	11,1	-	3,9
Bahia	137,1	147,7	214,0	7,7	44,9	4,5
Nordeste	3.694,7	3.291,8	3.630,9	-10,9	10,3	100,0

Fonte: Conab (2026b), Conab (2026c).

¹ Estimativa em abril de 2026.

4 Mercado

Os preços do açúcar são influenciados por diversos fatores, incluindo o volume da produção mundial, especialmente no Brasil e na Índia, as políticas governamentais para o setor sucroenergético dos principais países produtores, os preços do etanol e dos combustíveis fósseis e as flutuações na demanda global por açúcar.

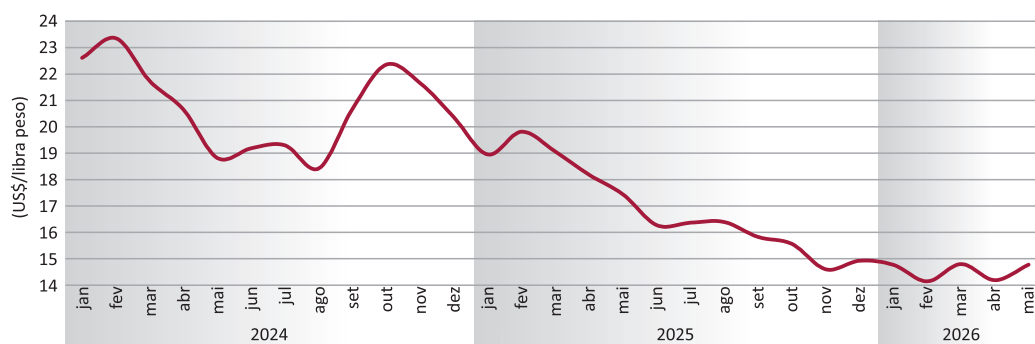
Em 2024, o preço mundial do açúcar recuou entre fevereiro e maio; entretanto, recuperou-se entre agosto e outubro, em decorrência da perspectiva de redução da oferta global. Nesse período, condições climáticas adversas prejudicaram a produção de cana-de-açúcar na Tailândia, enquanto o governo indiano passou a priorizar a produção de etanol e o consumo interno de açúcar. A partir de novembro de 2024, as cotações voltaram a cair diante das expectativas de aumento da produção no Brasil e na Índia.

No início do segundo semestre de 2025, o governo indiano aprovou uma cota de exportação de 1,5 milhão de toneladas de açúcar para a safra 2025/26, devido ao excedente doméstico. Esse evento contribuiu para manter a pressão sobre os preços no mercado internacional.

Para 2026, existem dois fatores antagônicos na formação dos preços do açúcar. Por um lado, a Índia, segundo maior exportador mundial, não prevê, até o momento, restrição das exportações de açúcar, o que tende a pressionar os preços para baixo. Por outro lado, o aumento no preço do petróleo, associado à guerra no Oriente Médio, exerce pressão altista indireta, ao estimular a maior destinação da matéria-prima para a produção de etanol.

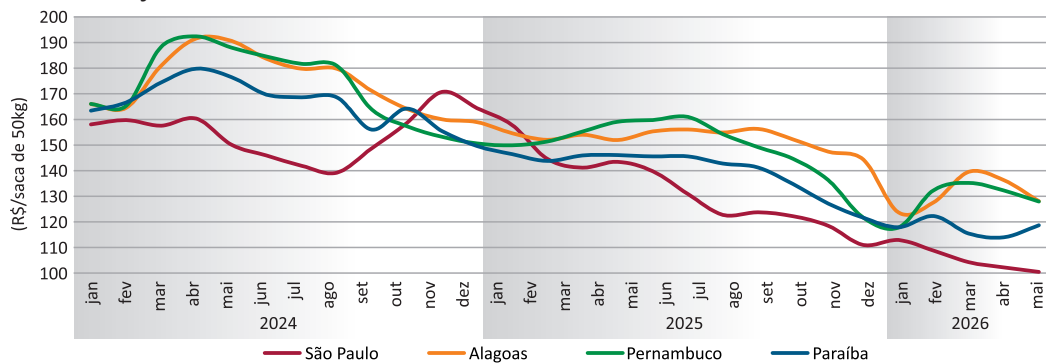
No mercado interno, a cotação do açúcar é fortemente correlacionada com o preço internacional (Gráficos 2 e 3), uma vez que o Brasil é o maior produtor e exportador mundial. No Nordeste, a alta de preço no início de 2026, foi impulsionada pela entressafra.

Gráfico 2 – Desempenho do preço internacional do açúcar bruto (contrato futuro nº 11), entre janeiro de 2024 e maio de 2026



Fonte: Investing.com (2026).

Gráfico 3 – Desempenho do preço do açúcar cristal em Alagoas, São Paulo, Pernambuco e Paraíba, entre janeiro de 2024 e abril de 2026



Fonte: Cepea/Esalq (2026).

Nota: Valores atualizados pelo IGP-DI para abril de 2026.

Com relação ao mercado externo, observa-se que, em 2025, as exportações brasileiras de açúcar registraram queda de 24,4% no faturamento e de 11,7% no volume em relação a 2024. Para os Estados Unidos, a retração foi ainda mais acentuada, com redução de quase 60% em valor e 63% em volume. Além da queda dos preços internacionais, as exportações de açúcar para o mercado norte-americano foram impactadas pela aplicação de uma sobretaxa de 50%.

No Nordeste, além da redução das exportações para os Estados Unidos, também houve retração nas vendas para o Canadá, com redirecionamento do produto para países como Argélia, Mauritânia, Geórgia, Congo e Líbia, entre outros. Com isso, o volume de açúcar exportado pela região apresentou pouca variação em relação a 2024, entretanto, o faturamento caiu 19% (Tabela 4), afetado pela queda dos preços internacionais.

Anualmente, os Estados Unidos estabelecem uma cota isenta de tarifas para a importação de açúcar. O volume da cota destinado ao Brasil é distribuído pelo Ministério da Agricultura entre as usinas das regiões Norte e Nordeste. Essa distribuição segue o disposto no artigo 7º da Lei nº 9.362, de 13 de dezembro de 1996, que determina que os volumes de produtos derivados de cana-de-açúcar destinados a mercados preferenciais de exportação sejam atribuídos prioritariamente a essas regiões.

A cota americana atual permite ao Brasil exportar, com isenção tarifária, 155,9 mil toneladas de açúcar bruto para os Estados Unidos. Entretanto, a partir de julho de 2025, o volume exportado dentro dessa cota também passou a ser taxado. Em fevereiro de 2026, as tarifas de 50% foram derrubadas pela Suprema Corte dos Estados Unidos, o que melhorou a perspectiva de escoamento da commodity.

Outro aspecto que pode ampliar o acesso do açúcar brasileiro ao mercado internacional é o Acordo de Parceria entre a União Europeia e o Mercosul, que prevê concessão aos exportadores do Mercosul, de uma cota com isenção tarifária para 180 mil toneladas de açúcar bruto de cana destinado ao refino.

Tabela 4 – Exportações nordestinas de açúcar em 2024 e 2025 - Principais destinos

País de destino	2024		2025		Part % em 2025		Var (%)	
	Mil US\$	Tonelada	US\$	Tonelada	Valor	Quant.	Valor	Quant.
Canadá	268.755,1	520.411,1	180.509,0	435.174,5	17,6	19,4	(32,8)	(16,4)
Argélia	35.889,4	54.160,0	101.786,4	235.803,0	9,9	10,5	183,6	335,4
Estados Unidos	160.892,6	249.195,1	107.060,3	221.829,8	10,5	9,9	(33,5)	(11,0)
Mauritânia	21.482,6	43.540,0	82.254,2	187.710,0	8,0	8,4	282,9	331,1
Geórgia	-	-	82.338,3	183.064,8	8,0	8,2	-	-
Congo	61.009,7	97.134,0	67.798,9	125.259,0	6,6	5,6	11,1	29,0
Espanha	32.501,5	62.552,7	40.296,1	96.142,6	3,9	4,3	24,0	53,7
Líbia	30.156,6	47.200,0	42.239,4	74.500,0	4,1	3,3	40,1	57,8
Senegal	34.557,1	56.859,0	37.166,7	73.365,0	3,6	3,3	7,6	29,0
Venezuela	29.004,2	49.000,0	35.333,1	73.000,0	3,4	3,3	21,8	49,0
Demais	586.620,8	1.053.185,9	247.445,9	536.040,8	24,2	23,9	(57,8)	(49,1)
TOTAL	1.260.869,7	2.233.237,8	1.024.228,3	2.241.889,5	100,0	100,0	(18,8)	0,4

Fonte: Agrostat (2026).

5 Questões Climáticas

Diante das perspectivas de mudanças climáticas, as condições extremas de clima no Nordeste tendem a se intensificar, elevando o risco de perdas agrícolas. Assim, é provável a ocorrência de secas e enchentes mais severas, a exemplo do que foi registrado em Pernambuco e na Paraíba em maio de 2026, além do aumento na incidência de ondas de calor.

Para 2026, o NOAA1 (2026) indica uma probabilidade de 61% de transição de condições neutras do ENSO para El Niño entre maio e julho, com manutenção desse padrão até o final do ano. Esse cenário pode resultar em volumes de chuva irregulares e abaixo da média no Nordeste. Para manter a produção nesse cenário desafiador, o setor sucroenergético nordestino, baseado na cana-de-açúcar, tende a ampliar as áreas irrigadas.

Um problema ambiental persistente no cultivo da cana-de-açúcar no Nordeste é o uso do fogo para viabilizar o corte manual. A mecanização da colheita apresenta menor impacto ambiental, pois dispensa essa prática, evitando a degradação da qualidade do ar e contribuindo para a melhoria da matéria orgânica do solo. No entanto, na região, a mecanização é dificultada pelo relevo ondulado. Ainda assim, a escassez de mão de obra para o corte manual tem impulsionado o desenvolvimento de tecnologias adaptadas às condições locais, de forma que a colheita mecanizada na região tende a crescer.

Outra questão relevante está relacionada à vinhaça, um dos resíduos do etanol, esse efluente possui elevada carga de matéria orgânica e alto valor fertilizante. Seu descarte inadequado representa um sério problema ambiental, ao intensificar a degradação dos ecossistemas.

Atualmente, a maioria das destilarias utiliza a vinhaça na fertirrigação dos canaviais. O uso controlado desse efluente é reconhecido como uma boa prática cultural, sob os aspectos agrônomo, econômico e ambiental, pois permite a reciclagem de resíduos industriais e contribui para o aumento da fertilidade do solo, da produtividade e da longevidade dos canaviais. Além disso, reduz a necessidade de captação de água para irrigação e a dependência por fertilizantes químicos, reduzindo os custos de produção.

Vale ressaltar, ainda, a importância da cogeração de energia elétrica a partir do bagaço de cana nas usinas e destilarias. Ao utilizar um recurso renovável, as unidades produtivas reduzem a dependência de fontes externas de energia, promovem melhor aproveitamento dos resíduos e aumentam a receita, uma vez que o excedente de energia pode ser comercializado.

Segundo o Balanço Energético Nacional (2025), a cana-de-açúcar continua sendo a principal fonte de energia renovável do Brasil. Os derivados da cana responderam em 2024 por 16,7% da oferta total de energia no país e por 33,4% da oferta de energia renovável (EPE, 2025).

Tendências E Perspectivas

- O aumento do preço do petróleo, causado pelo conflito no Oriente Médio, tende a elevar as cotações do açúcar ao incentivar a produção de etanol, substituto da gasolina em veículos flex. No entanto, esse efeito tem sido limitado pela estagnação do consumo de açúcar, que deve resultar no crescimento dos estoques mundiais na safra 2026/27. Assim, os preços do açúcar devem continuar em patamares relativamente baixos na safra 2026/27.
- No Brasil, os altos preços do petróleo, a baixa cotação do açúcar no mercado mundial e a expectativa de elevação da mistura de etanol na gasolina incentivam o direcionamento da matéria-prima para a produção do biocombustível. Como consequência, a produção de açúcar na safra 2026/27 tende a cair em relação à safra anterior.
- No Nordeste, a oferta de cana-de-açúcar deverá ser superior à da safra 2025/26. Inicialmente, projetava-se crescimento da produção de açúcar. No entanto, as fortes chuvas ocorridas em Pernambuco e na Paraíba no início de maio de 2026 causaram prejuízos às lavouras, com potencial impacto na

1 National Oceanic and Atmospheric Administration dos EUA.

fabricação de etanol e açúcar nesses estados. Além disso, caso se confirme o aumento da mistura obrigatória de etanol na gasolina para 32%, o mix de produção das usinas poderá se tornar mais favorável ao etanol em detrimento do açúcar. Assim, há elevada incerteza quanto ao comportamento da produção de açúcar na região na próxima safra.

- Há expectativa de que o Acordo de Parceria entre a União Europeia e o Mercosul amplie o acesso do açúcar brasileiro ao mercado europeu.
- O setor sucroenergético nordestino busca ampliar o uso de tecnologia nos cultivos, com iniciativas como o desenvolvimento de equipamentos adequados para a colheita mecanizada em áreas de encosta, a expansão gradativa da área irrigada e o uso de bioinsumos, remineralizadores de solo e drones. A adoção de tecnologias, aliada a um bom gerenciamento empresarial, constitui condição fundamental para tornar o setor sucroenergético nordestino competitivo frente às demais regiões produtoras de açúcar e etanol do país.
- Condições climáticas extremas, como secas, enchentes e ondas de calor, tendem a se intensificar, com potencial impacto negativo sobre a produção de cana-de-açúcar em todo o país. Há probabilidade de transição de condições neutras do ENSO para El Niño entre maio e julho de 2026, com manutenção desse padrão até o final do ano. Esse cenário climático pode resultar em chuvas irregulares e abaixo da média no Nordeste.

Sumário Executivo – Açúcar

Considerações gerais: cenário mundial, produção nacional	O cenário mundial continua marcado por fortes incertezas comerciais e políticas, decorrentes de conflitos armados, polarização política e eventos climáticos extremos. A guerra no Oriente Médio, no início de 2026, prejudicou o fluxo de petróleo e gás, provocando forte elevação dos preços da energia, dos combustíveis e dos fertilizantes em escala global. Esse movimento tende a afetar a atividade econômica e pressionar a inflação mundial. No Brasil, os impactos do conflito alteraram o cenário econômico, influenciando as projeções para o câmbio, a inflação, a taxa Selic e o desempenho do setor produtivo.
Política cambial	O regime cambial vigente no Brasil é o flutuante. Por sofrer intervenções do Banco Central, é denominado “flutuante sujo”. A escalada das tensões no Oriente Médio gerou volatilidade no mercado de câmbio, refletindo a maior aversão ao risco global. Diante do enfraquecimento do dólar em nível mundial e da manutenção de juros elevados no Brasil, o real se valorizou.
Ambiente político-regulatório	A produção e a comercialização de açúcar estão sujeitas à iniciativa privada. Os preços e volumes comercializados no mercado externo são determinados pelas condições de mercado, com base na livre concorrência. No entanto, esses aspectos são influenciados pelo mercado de combustíveis fósseis e de etanol, pela política cambial e por regulamentações do setor, como a alteração do mandato de mistura de etanol anidro na gasolina.
Meio ambiente - efeito das mudanças climáticas	As condições extremas de clima tendem a se acentuar. Assim, espera-se maior irregularidade, com secas mais severas e enchentes, e, conseqüentemente, maior risco de perdas agrícolas. Nesse cenário desafiador, o setor sucroenergético da região tende a investir em tecnologias, como a ampliação da área irrigada.
Nível de organização do setor (existência de instituições de pesquisas específicas para setor, existência de associações etc.)	O setor conta com a Rede Interuniversitária para o Desenvolvimento do Setor Sucroenergético (Ridesa), que, em parceria com empresas privadas, desenvolve pesquisas para o setor. Além disso, existe grande número de associações e sindicatos específicos, tais como: Asplana ² , AFCP ³ , Coaf ⁴ , Sindaçúcar/AL ⁵ , Sindaçúcar/PE ⁶ , Sindaçúcar/BA ⁷ , Sindaçúcar/PI ⁸ , Sindacanaalcool ⁹ , Novabio ¹⁰ . O setor conta ainda com a Câmara Setorial da Cadeia Produtiva do Açúcar e do Alcool no Ministério da Agricultura e Pecuária (Mapa) e com o Fórum Nacional Sucroenergético (FNS). Portanto, é considerado bom o nível de organização do setor sucroenergético nordestino.

2 Associação dos Plantadores de Cana do Estado de Alagoas;

3 Associação dos Fornecedores de Cana de Pernambuco;

4 Cooperativa do Agronegócio dos Fornecedores de Cana-de-Açúcar;

5 Sindicato da Indústria do Açúcar e do Alcool de Alagoas;

6 Sindicato da Indústria do Açúcar e do Alcool de Pernambuco;

7 Sindicato da Indústria do Açúcar e do Alcool no Estado da Bahia;

8 Sindicato dos Produtores de Açúcar, de Alcool e de Cana de União e Região;

9 Sindicato dos Produtores de Cana, Açúcar e Alcool do Maranhão e do Pará;

10 Associação de Produtores de Açúcar, Etanol e Bioenergia. Representa empresas produtoras dos estados do Maranhão, Piauí, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Espírito Santo e Goiás

Resultados das empresas que atuam no setor	Dentre as empresas do setor sucroenergético do Nordeste para as quais há dados disponíveis, grande parte apresentou desempenho positivo em 2024, com margem EBITDA (lucro antes dos juros, impostos, depreciação e amortização) consistentes, evidenciando boa capacidade dessas empresas de gerar fluxo de caixa positivo.
Perspectivas para o setor (expansão, estável ou declínio e perspectiva de se manter assim no curto, médio ou longo prazo)	Não existe potencial de expansão da área cultivada com cana-de-açúcar nas áreas tradicionalmente produtoras (Zona da Mata) do Nordeste; o crescimento da produção de cana nessa região deve ser decorrente da melhora na produtividade; enquanto o aumento da produção de açúcar poderá ocorrer a partir do maior direcionamento da matéria-prima para a fabricação de açúcar em detrimento ao etanol. O setor sucroenergético nordestino busca elevar o nível de tecnologia empregada nos cultivos, com o objetivo de reduzir custos e aumentar a produtividade. A elevação do preço do petróleo tende a impulsionar as cotações do açúcar ao incentivar a produção de etanol. No entanto, a perspectiva de maiores estoques mundiais tem limitado esse efeito. Assim, os preços do açúcar devem continuar em patamares relativamente baixos na safra 2026/27.

Referências

AGROSTAT - SECRETARIA DE COMÉRCIO EXTERIOR. MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR/MINISTÉRIO DA AGRICULTURA PECUÁRIA E DO ABASTECIMENTO. **Base de dados**. Disponível em: <<https://mapa-indicadores.agricultura.gov.br/publico/extensions/Agrostat/Agrostat.html>>. Acesso em: 04 maio 2026.

CEPEA/ESALQ - CENTRO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM ECONOMIA APLICADA. **Preços Agropecuários. Açúcar**. São Paulo. [S.l.]: CEPEA. Disponível em:

<<https://cepea.esalq.usp.br/br/indicador/acucar.aspx>>. Acesso em: 05 maio 2026.

CONAB - COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. **Série histórica das safras. Cana-de-açúcar-Agrícola**. Disponível em: <<https://www.gov.br/conab/pt-br/atuacao/informacoes-agropecuarias/safras/series-historicas>>. Acesso em: 05 maio 2026a.

_____. **Série histórica das safras. Cana-de-açúcar- Industria**. Disponível em: <<https://www.gov.br/conab/pt-br/atuacao/informacoes-agropecuarias/safras/series-historicas>> Acesso em: 05 maio 2026b.

_____. Boletim da safra de cana-de-açúcar. 1º levantamento -Safra 2026/27. **Tabela de dados-produção de cana-de-açúcar e subprodutos**. Disponível em: <<https://www.conab.gov.br/info-agro/safras/cana>>. Acesso em: 06 maio 2026c.

_____. **Série histórica das safras. Cana-de-açúcar – Área total**. Disponível em: <<https://www.gov.br/conab/pt-br/atuacao/informacoes-agropecuarias/safras/series-historicas>>. Acesso em: 05 maio de 2026d.

EPE- EMPRESA DE PESQUISA ENERGÉTICA. MINISTÉRIO DE MINAS E ENERGIA. **Balanco Energético Nacional 2025**. BEN 2025. Relatório Síntese. Ano base 2024. Disponível em: <<https://www.epe.gov.br/pt/publicacoes-dados-abertos/publicacoes/balanco-energetico-nacional-2025>>. Acesso em: 10 nov. 2025.

INVESTING.COM. **Dados Históricos - Açúcar NY nº 11 Futuros**. Disponível em: <<https://br.investing.com/commodities/us-sugar-no11-historical-data>>. Acesso em: 20 maio de 2026.

UNITED STATES DEPARTMENT OF AGRICULTURE. USDA. **India: Sugar Annual**. New Delhi: Foreign Agricultural Service (FAS), 29 de abril de 2026a. (Global Agricultural Information Network – GAIN). Disponível em: <<https://www.fas.usda.gov/data/gain/2026/04/india-sugar-annual>>. Acesso em: 21 maio de 2026.

_____. **European Union: Sugar Annual**. Brussels: Foreign Agricultural Service (FAS), 20 de abril de 2026b. (Global Agricultural Information Network – GAIN). Disponível em: <<https://www.fas.usda.gov/data/gain/2026/04/european-union-sugar-annual>>. Acesso em: 21 maio de 2026.

_____. **Thailand: Sugar Annual.** Bangkok: Foreign Agricultural Service (FAS), 20 de abril de 2026c. (Global Agricultural Information Network – GAIN). Disponível em: <<https://www.fas.usda.gov/data/gain/2026/04/thailand-sugar-annual>>. Acesso em: 21 maio de 2026.

_____. **Indonésia: Sugar Annual.** Jakarta: Foreign Agricultural Service (FAS), 20 de abril de 2026d. (Global Agricultural Information Network – GAIN). Disponível em: <<https://www.fas.usda.gov/data/gain/2026/04/indonesia-sugar-annual>>. Acesso em: 21 maio de 2026.

_____. **China: Sugar Annual.** Guangzhou: Foreign Agricultural Service (FAS), 20 de abril de 2026e. (Global Agricultural Information Network – GAIN). Disponível em: <<https://www.fas.usda.gov/data/gain/2026/04/china-sugar-annual>>. Acesso em: 21 maio de 2026.

USDA - UNITED STATES DEPARTMENT OF AGRICULTURE. Foreign Agricultural Service. **PSD Reports: Sugar. World Centrifugal Sugar.** May. 2026f. Disponível em: <<https://apps.fas.usda.gov/psdonline/app/index.html> - /app/downloads>. Acesso em: 29 maio de 2026.

Anexo – Dados mundiais

Tabela 5 – Produção global de açúcar (mil toneladas)

Países	Safras			Part % 2026/27	Var %
	2024/25	2025/26	2026/27(1)		
Brasil	43.700	43.800	42.500	23,0	-3,0
Índia	28.000	30.000	33.600	18,2	12,0
União Europeia	16.277	15.519	14.353	7,8	-7,5
China	11.160	12.600	12.700	6,9	0,8
Tailândia	10.240	11.258	9.500	5,1	-15,6
Estados Unidos	8.525	8.382	7.993	4,3	-4,6
Paquistão	5.860	7.060	6.910	3,7	-2,1
Rússia	6.750	7.000	6.250	3,4	-10,7
México	5.057	5.490	5.451	2,9	-0,7
Austrália	3.810	3.830	4.180	2,3	9,1
Outros	40.966	41.117	41.417	21,5	0,6
Mundo	180.345	186.056	184.854	100,0	-0,6

Fonte: USDA, (2026f).

Tabela 6 – Consumo humano global de açúcar (mil toneladas)

Países	Safras			Part % 2026/27	Var %
	2024/25	2025/26	2026/27(1)		
Índia	29.122	30.100	31.000	17,2	3,0
China	15.390	16.750	16.750	9,3	-
União Europeia	15.800	15.900	15.900	8,8	-
Estados Unidos	11.158	11.121	11.121	6,2	-
Brasil	9.000	9.948	9.000	5,0	-9,5
Indonésia	7.160	7.300	7.250	4,0	-0,7
Paquistão	6.600	6.600	6.800	3,8	3,0
Rússia	6.252	6.500	5.750	3,2	-11,5
México	4.121	4.241	4.165	2,3	-1,8
Egito	3.738	3.850	3.900	2,2	1,3
Outros	67.058	67.615	68.355	38,0	1,3
Mundo	175.399	179.925	179.991	100,0	0,0

Fonte: USDA, (2026f).

Tabela 7 – Exportações globais de açúcar (mil toneladas)

Países	Safras			Part % 2026/27	Var %
	2024/25	2025/26	2026/27(1)		
Brasil	34.890	34.101	33.600	53,9	-1,5
Tailândia	5.650	7.000	6.000	9,6	-14,3
Austrália	2.627	2.707	3.607	5,8	33,2
Índia	3.831	3.500	3.600	5,8	2,9
Guatemala	1.803	1.608	1.685	2,7	4,8
Arábia Saudita	952	1.010	1.000	1,6	-1,0
México	1.084	1.048	949	1,5	-9,4
União Europeia	2.066	1.258	858	1,4	-31,8
Emirados Árabes	1.061	770	825	1,3	7,1
África do Sul	594	905	750	1,2	-17,1
Outros	10.255	8.741	9.450	15,2	-0,0
Mundo	64.813	62.648	62.324	100,0	-0,5

Fonte: USDA, (2026f), USDA, (2026c).

Tabela 8 – Importações globais de açúcar (mil toneladas)

Países	Safras			Part % 2026/27	Var %
	2024/25	2025/26	2026/27(1)		
China	4.644	5.450	5.450	9,3	-
Indonésia	4.788	4.030	4.200	7,1	4,2
Estados Unidos	3.078	2.407	2.957	5,0	22,9
Emirados Árabes	2.342	2.625	2.700	4,6	2,9
União Europeia	1.413	1.950	2.550	4,3	30,8
Índia	2.599	2.630	2.430	4,1	-7,6
Bangladesh	1.922	2.350	2.250	3,8	-4,3
Argélia	2.207	2.325	2.150	3,7	-7,5
Nigéria	1.820	2.030	2.130	3,6	4,9
Malásia	2.318	1.975	2.000	3,4	1,3
Outros	30.769	30.560	30.076	51,1	-1,6
Mundo	57.900	58.332	58.893	100,0	1,0

Fonte: USDA, (2026f).

Tabela 9 – Estoques globais de açúcar (mil toneladas)

Países	Safras			Part % 2026/27	Var %
	2024/25	2025/26	2026/27(1)		
Tailândia	11.296	13.254	13.454	30,3	1,5
Índia	6.046	5.076	6.506	14,6	28,2
China	1.643	2.783	4.023	9,1	44,6
Paquistão	1.952	2.162	1.972	4,4	-8,8
Estados Unidos	2.257	1.807	1.518	3,4	-16,0
México	1.190	1.132	1.184	2,7	4,6
Egito	1.155	1.245	1.105	2,5	-11,2
Austrália	1.062	1.266	911	2,1	-28,0
Filipinas	939	753	704	1,6	-6,5
Rússia	655	704	663	1,5	-5,8
Outros	14.057	13.341	12.370	27,9	-7,3
Mundo	42.252	43.523	44.410	100,0	2,0

Fonte: USDA, (2026f).

Todas as edições do caderno setorial disponíveis em:

<https://www.bnb.gov.br/etene/caderno-setorial>

Conheça outras publicações do ETENE

<https://www.bnb.gov.br/etene>